

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Por

LUÍSA EDUARDA IBRAHIM BURGARDT - 72050218

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação do(a) Prof(a). Jefferson Diego De Paulo apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, do Centro Universitário de Brasília.

Brasília, DF - 2023

ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Resumo

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que é um grupo de condições com início no período do desenvolvimento, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Crianças com TDAH tendem a ser excluídas de brincadeiras e atividades na escola por não conseguirem acompanhar as instruções e manter uma postura quieta como o restante. Esses indivíduos frequentemente apresentam dificuldades nas relações sociais e problemas de adaptação acadêmica, podendo essa situação continuar presente na vida adulta. Em contraponto, essas crianças tendem a ser mais criativas e participativas. Existem diversas estratégias para lidar com essas demandas, como a organização física da sala de aula, metodologias de ensino e diferentes modelos de atividades. O presente artigo trata de uma revisão narrativa que tem por finalidade evidenciar os maiores desafios para professores no nível da alfabetização que recebem crianças neurodivergentes, assim como apontar estratégias de ensino adequadas para esse público.

Palavras-chaves: TDAH; ensino; estratégia de ensino; inclusão;

1. Introdução

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) passou por diversos estudos e diferentes nomenclaturas até chegar ao que conhecemos hoje, sendo ele um dos transtornos psicológicos infantis mais bem estudados na história. Ainda assim, há muito o que se estudar a respeito desse tema, Barkley (2002) diz que “o TDAH permanece mal compreendido e controverso nas mentes do público em geral e das autoridades educacionais”.

Logo no início do século XX, o pediatra inglês George Still (1902) descreve o quadro clínico (hoje entendido como o TDAH) em um artigo científico na revista *The Lancet*, uma das mais respeitadas revistas médicas até hoje, e o chama de “Defeito na conduta moral”. Desde suas primeiras menções, até as mais aceitas hoje em dia nos manuais de diagnóstico, sua descrição se mantém quase idêntica, com praticamente os mesmos sintomas. A nomenclatura utilizada hoje foi apresentada consensualmente em 1994, pelo Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, em sua quarta edição (DSM IV, 1994). (DE MESQUITA, 2009; MATTOS, 2021)

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais é uma referência na área de saúde mental por prover a classificação de transtornos mentais e critérios associados. Este foi elaborado para facilitar o estabelecimento de diagnósticos mais confiáveis e se encontra em sua 5.^a edição (DSM-5,2022). De acordo com o DSM-5, o TDAH é dividido em três subtipos: o desatento; o hiperativo; e o impulsivo, que é a combinação dos dois anteriores. Crianças com TDAH apresentam dificuldades de aprendizagem, especialmente no contexto escolar.

O subtipo desatento está relacionado ao comportamento e se manifesta como divagação em tarefas, dificuldade em manter o foco, falta de persistência e desorganização. Já o subtipo hiperativo, está relacionado a atividade motora excessiva quando não apropriado ou remexer, bater ou conversar em excesso, ou seja, a criança que não consegue ficar sentada por muito tempo. O subtipo impulsivo relaciona características dos dois anteriores e se refere também a ações precipitadas em busca de recompensa imediata, sem considerar as consequências. (DSM-5)

O processo de alfabetização é uma etapa importante na aquisição e apropriação da linguagem escrita, pode se considerar alfabetizada a criança que desenvolveu as habilidades de ler e escrever. O ato de alfabetizar recebeu um caráter construtivista ao longo da história, onde

o aluno pode participar ativamente da construção do seu conhecimento, mas até meados da década de 1980 esse processo ainda era levado com o método rígido e padronizado de ensino e aprendizagem tradicional, em que o professor é detentor do conhecimento e os procedimentos utilizados são de memorização e reprodução. Com o passar do tempo surgiu a necessidade de criação de um novo termo que complementaria a alfabetização: o letramento. Enquanto a alfabetização se resume a ler e escrever de modo funcional, o letramento é o “ir além”, ou seja, é preciso compreender e interpretar, além de fazer uso de todas essas habilidades em âmbito social.

O processo de aprendizagem “envolve o pensamento, as emoções, as vias neurais, os neurotransmissores, enfim, todo o ser humano” (LIMA et al, 2021, p. 3), a partir da perspectiva da neuropsicopedagogia é possível compreender como esse processo se dá em um cérebro com TDAH e então desenvolver estratégias específicas para atender as necessidades de quem é acometido com esse transtorno. A psicologia do desenvolvimento traz uma série de contribuições acerca da aprendizagem, como as teorias maturacionais, cognitivas, da aprendizagem e psicanalistas.

Desidério e Miyakazi (2007, p.168) afirmam que “o TDAH pode dificultar os relacionamentos afetivos e sociais, e a impulsividade gerar rejeições entre colegas de escola e professores”. Abrahão e Dos Santos Elias (2022, p. 10) evidenciam que existe uma crença patologizante do TDAH por parte dos professores, o que pode estar relacionada à qualidade ou ausência de formação continuada. Gwerman et al. (2016) afirma que situações em que a criança é responsabilizada por suas dificuldades são comuns e esse fator indica a necessidade de orientação aos profissionais da área quanto a forma de lidar com conflitos interpessoais em sala de aula.

O processo de alfabetização é específico da escola e de responsabilidade da criança e do educador, se trata de um processo interno e para cada indivíduo acontece de forma distinta, de acordo com os estímulos recebidos (MENDES, 2011). Ensinar uma criança a ler e escrever já é uma tarefa complexa e delicada, quando um professor se depara com um aluno com TDAH, essa tarefa se torna ainda mais difícil. Ao contrário do que se acreditou por muito tempo, crianças com TDAH são capazes de aprender, mas normalmente elas não se adaptam aos métodos tradicionais de ensino, por razão dos sintomas evidenciados no transtorno. Por esses motivos, torna-se necessária a formação continuada de professores, para que esses estejam realmente preparados ao receber esses alunos em sala de aula e os recebam da melhor forma,

tornando a experiência de ensino e aprendizagem mais significativa para todos. (LACERDA, 2014)

Crianças com TDAH frequentemente apresentam dificuldades nas relações sociais e problemas de adaptação acadêmica, podendo essa situação continuar presente na vida adulta. (Barkley, 2002; Pelham et al., 2016; Oliveira et al., 2016). Dessa forma, o presente tema foi escolhido a partir da experiência desta estudante, que por ser uma pessoa com TDAH, vivenciou um ensino tradicional e sofreu com a abordagem correspondente a esse modelo de ensino.

O presente artigo tem por finalidade evidenciar os maiores desafios para professores que recebem crianças neurodivergentes a nível de alfabetização e apontar as melhores estratégias e abordagens para sala de aula em tal situação.

2. Metodologia

Será desenvolvida uma revisão narrativa englobando o TDAH, processos de ensino e aprendizagem na alfabetização e estratégias de sala de aula. Esse tipo de pesquisa se trata de um procedimento de coleta e análise de produções científicas. A revisão narrativa tem por finalidade fornecer “sínteses narrativas”, que permitem compilar conteúdos de diferentes obras, apresentando-as para o leitor de forma compreensiva.

A revisão narrativa tem como base as seguintes etapas de desenvolvimento: 1) a escolha do tema; 2) busca na literatura; 3) seleção de fontes; 4) leitura transversal; 5) redação e; 6) referências.

3. Desenvolvimento

3.1 Aprendizagem, Alfabetização e Letramento

Vygotsky em seu estudo traz como foco principal entender a relação do desenvolvimento humano com o contexto sócio-histórico e cultural. Nesse ponto, explica que o comportamento e o pensamento da criança são orientados majoritariamente pela interação social, de modo que a influência biológica por si só não é capaz de explicar as atitudes humanas; inclusive, divide o processo de desenvolvimento das funções elementares e superiores, que advêm respectivamente da natureza e do meio sociocultural (PALANGANA, 1998).

Para o autor, a linguagem é a principal manifestação dos signos. Na infância, a comunicação do sujeito com os adultos é fundamental para a associação e relação dos seus pensamentos com o mundo real, onde se encontra o produto objetivo das gerações humanas que a antecedeu, moldando e ampliando a sua percepção do mundo. A partir daí, a criança começa a desenvolver as capacidades de decidir e discernir o que lhe é relevante ou não, de separar objetos e informações em categorias e, de modo geral, de orientar o próprio comportamento conforme necessário. Essa experiência social mediada pelos instrumentos, é denominada, por Vygotsky, aprendizagem (PALANGANA, 1998).

Os processos de alfabetização e letramento estão profundamente associados, pois a criança entra no mundo da escrita simultaneamente por esses dois processos. De acordo com Soares e Batista (2005), o letramento pode ser entendido como “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessário para uma participação ativa e competente na cultura escrita”, complementando a alfabetização que é o resultado do processo da escrita alfabética-ortográfica.

Para Emília Ferreiro (2017), a alfabetização é “um importante processo de apropriação da linguagem escrita por meio de práticas escolares e também não escolares”. De acordo com Ferreiro (1985, p.14), “nenhuma prática pedagógica é neutra”. A criança chega na escola com sua bagagem social, muitas vezes já tendo contato com as letras e os números por meio de diversas fontes. O processo de alfabetização pode ter início com o estímulo da família fora da escola, permitindo que a criança tenha interações significativas com letras e números, deixando para a escola apenas o papel de mediar o término desse processo de alfabetização.

Ferreiro (2017) salienta ainda que, desde que as crianças descubram o interesse pela escrita por meio de contextos sociais funcionais, elas serão facilmente alfabetizadas. Em complemento a esse processo, Ferreiro (2017) traz o letramento como sendo o resultado da interação do indivíduo com o meio em que ele se encontra.

Para entender melhor esses processos precisamos abordar a “Psicogênese da Língua Escrita” advinda de estudos realizados por Ferreiro e Teberosky (1991; 1985). Nesses estudos foram analisadas as hipóteses de escrita de crianças dos níveis da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, e foi evidenciado um período inicial da escrita, onde a criança reproduz traços típicos da escrita que identifica como suas formas básicas, esse período é denominado de nível pré-silábico.

Em seguida, temos o estágio silábico, onde há um avanço qualitativo e cada letra é tratada como uma sílaba pela criança. Já no nível silábico-alfabético, a criança começa a conseguir realizar uma análise mais complexa do “[... conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias [...] e [d]o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica [...]” (FERREIRO, TEBEROSKY, 1991 [1985], P. 196-209)

Por fim, o estágio alfabético é marcado pela percepção clara de que a sílaba é formada por diferentes caracteres, identificando-as pelos fonemas das palavras que deseja escrever. Para alcançar o objetivo final, é necessário que a prática pedagógica seja pautada em métodos e no respeito às características de aprendizagem de cada aluno. (SOARES, 2016)

3.2 Relação com o TDAH

Dentro do contexto escolar, é muito comum que os professores valorizem os alunos que mais prestam atenção em suas aulas, que respeitam as regras e participam das atividades propostas, em contraponto, esses professores acabam restringindo estudantes que não seguem tão bem suas instruções e não se encaixam no ensino tradicional, como evidência Goldstein e Goldstein (1994). Dessa forma, a criança com TDAH acaba por ser rotulada com estereótipos como “preguiçosa, lenta, incompetente, problemática, etc...” fato que não passa despercebido pela própria criança que pode vir a se enxergar dessa forma, prejudicando não só seu desenvolvimento escolar como também seu estado emocional e sua autoestima.

Lacerda (2014) evidencia diversos fatores que interferem no processo de alfabetização da criança com TDAH, dentre eles a autora destaca a baixa autoestima, a falta de interesse, a desorganização com os materiais, a dificuldade escolar e a dificuldade em se concentrar e prestar atenção no conteúdo ministrado. Em casos de crianças em que prevalece a hiperatividade, por serem sujeitos inquietos, agitados e que falam muito, a realização de ações como ficar sentado em sua cadeira por muito tempo, participar de atividades monótonas e/ou silenciosas torna-se extremamente mais difícil. Além disso, ao se movimentar pela sala esse aluno causa uma dispersão geral na turma, atrapalhando não só a sua concentração, mas a de todos ao seu redor. Já nos casos em que predomina a desatenção, as maiores dificuldades aparecem na concentração, organização de atividades e seguir instruções, o que pode resultar em atividades inacabadas, exercícios respondidos de forma incorreta por má interpretação de enunciados, entre outras situações do tipo.

De acordo com Benczik e Peroni (2002), cerca de 20 a 30% das crianças diagnosticadas com TDAH apresentam dificuldades específicas, as quais interferem diretamente em sua capacidade de aprendizado. Por exemplo, uma criança que possui dificuldade em realizar registros vai ter muita dificuldade na parte escrita da alfabetização, mas pode aprender a ler com facilidade. Por esse motivo, o professor pode identificar uma discrepância entre o potencial intelectual do aluno e seu desempenho acadêmico.

Diante dessas situações, é comum que a família opte por procurar tratamento em clínicas médicas em busca de soluções mais imediatas. Cada dia mais crianças e adolescentes recebem seus diagnósticos de TDAH e em conjunto indicação para tratamento com psicofármacos. Como aponta Cruz, Okamoto e Ferrazza (2016):

“Com efeito, a medicina, a psiquiatria e a psicologia são saberes que estão intrinsecamente associados ao poder de medicalizar, psiquiatrizar e patologizar, uma vez que diagnosticam fenômenos humanos em busca de um tratamento que deve normalizar o sujeito desviante, ou seja, aquele que se afasta do denominado ponto médio padrão.”

Tais fatores invalidam o saber parental, assumindo que os pais não poderiam fornecer apoio para as dificuldades e déficits de seus filhos sem buscar o auxílio do saber científico. Professores e responsáveis acabam por despejar a responsabilidade por esses casos na ciência médica, quando na realidade: “A educação sofre influência de déficits não orgânicos, mas políticos, econômicos e sociais, como o baixo incentivo, salas lotadas, desvalorização da atuação profissional, além de cursos despreparados para formação de profissionais qualificados, entre inúmeros outros” (CRUZ; OKAMOTO; FERRAZZA 2016).

3.3 Amparo legal para atendimento de estudante com TDAH

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB), lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 capítulo V, descreve os direitos do aluno com necessidades educacionais especiais e o dever da escola em assegurar a adequação no processo de ensino. (BRASIL, 1996)

A Declaração de Salamanca (1994) assegura que as escolas devem se adaptar a todas as crianças, independente de suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. A Lei Nº 14.254, de 30 de novembro de 2021 sanciona o desenvolvimento de um programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Neste programa deve se incluir todo o tipo de acompanhamento, desde o diagnóstico precoce na escola, como o

acompanhamento por equipe da saúde e equipe pedagógica especializada dentro da instituição escolar.

3.4 Estratégias para sala de aula

Para lidar com as dificuldades relatadas, é essencial que a escola e a família trabalhem juntas, como destaca Lopes (2011). Além disso, o acompanhamento para essas crianças exige uma equipe multidisciplinar, normalmente composta por intervenção médica, psicológica, pedagógica e psicopedagógica. Algumas abordagens envolvendo essas áreas são “medicação quando necessário; treinamento dos pais em controle do comportamento; um programa pedagógico adequado; aconselhamento individual e para a família.” (LACERDA, 2014)

A presença de crianças com TDAH em sala de aula é uma fonte de medo e inseguranças para professores, pois esses alunos desafiam a rotina escolar e se o educador não tem uma visão clara de desenvolvimento ou estratégias a serem utilizadas nesse contexto, sua prática e a aprendizagem de seus alunos podem ser prejudicadas. (SANTOS; VASCONCELOS 2010).

Cabe ao professor conhecer cada um de seus alunos, observar seus pontos fortes e fracos, suas qualidades e suas limitações, para que em sua prática pedagógica esse educador consiga respeitar cada uma dessas diferenças e proporcionar um ensino mais significativo para todos. Além do esforço do professor, a coordenação escolar deve ter ciência dos mesmos pontos e dar a toda a equipe pedagógica o apoio necessário, possibilitando que os alunos com necessidades especiais se sintam acolhidos e respeitados a todo momento.

Dessa forma, os professores podem tirar maior proveito de atividades lúdicas, que tendem a envolver mais a atenção de todos, se apoiar em materiais audiovisuais, jogos, computadores, revistas, entre outras ferramentas. A utilização de material concreto disponível para que as próprias crianças manuseiem auxilia tanto na aquisição de atenção quanto no controle da hiperatividade. Para treino de leitura e escrita, o professor pode oferecer aos estudantes livros, gibis, caça-palavras, ou qualquer outra atividade que seja de seu interesse.

A diversidade de materiais é uma aliada do professor nesses casos, Cunha (2011) aponta que as atividades devem ser curtas, assim como as instruções, que precisam ser dadas de forma mais clara possível, esses são fatores que beneficiam a todas as crianças inseridas no contexto. Além disso, provas e outras atividades de maior peso e que requerem atenção por mais tempo

devem ser realizadas em momentos em que a turma esteja descansada e disposta, toda a rotina escolar precisa ser avaliada para que esse momento seja escolhido da melhor forma.

A organização da sala de aula deve conter apenas elementos necessários para a aprendizagem, sendo um ambiente acolhedor e interessante, mas sem acumular itens que não agregam positivamente no contexto. Em alguns casos, pode haver a necessidade de posicionamento estratégico deste estudante em sala de aula, evitando cadeiras próximas à janelas ou portas, pensando não só nos elementos ao seu redor, mas levando em consideração também as crianças sentadas próximas a ele (CABRAL, 2013).

4. Conclusões

Os processos de alfabetização e letramento são fundamentais para o desenvolvimento da criança no mundo da escrita. A alfabetização, que envolve a aquisição das habilidades de leitura e escrita, e o letramento, que se refere ao uso efetivo da língua escrita em práticas sociais e culturais, estão intrinsecamente relacionados. No entanto, para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), esses processos podem apresentar desafios adicionais. As dificuldades como falta de concentração, desorganização e comportamentos hiperativos podem afetar o desempenho da criança na aquisição da linguagem escrita.

É essencial que a escola e a família trabalhem em conjunto, envolvendo uma equipe multidisciplinar, para auxiliar no tratamento e na educação dessas crianças. Estratégias pedagógicas adequadas, apoio emocional, formação dos professores e adaptações no ambiente escolar são fundamentais para garantir a inclusão e o progresso desses alunos. Além disso, a legislação educacional reforça a importância da igualdade de oportunidades e do respeito às necessidades educacionais específicas, incluindo crianças com TDAH. A escola deve proporcionar um ambiente acolhedor, onde cada aluno seja valorizado e suas diferenças sejam respeitadas.

Ao reconhecer e atender às necessidades específicas das crianças com TDAH no processo de alfabetização e letramento, é possível promover seu desenvolvimento acadêmico, emocional e social. Através de uma abordagem inclusiva e do apoio adequado, essas crianças podem superar obstáculos e alcançar seu pleno potencial na escrita e na participação ativa das propostas de atividade realizadas em contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Anaísa Leal Barbosa; DOS SANTOS ELIAS, Luciana Carla. **Crianças com TDAH e professoras**. *Psico*, v. 53, n. 1, p. e39098-e39098, 2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
- BEZERRA, Francisco Dantas; DE LUCENA, Everaldo Araújo. **O lúdico no processo ensino e aprendizagem na visão da neuropsicopedagogia**. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 14.254**, de 30 de novembro de 2021. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 nov. 2021.
- CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. **O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores**. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 20, p. 703-714, 2016.
- DE ALMEIDA, Vitor Sergio; DA SILVA, Graziene Dantas. **A alfabetização e o letramento no ensino fundamental sob a perspectiva de Emília Ferreira e Magda Soares e o prescrito nos documentos educacionais brasileiros**. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 46, 2021.
- DE MESQUITA, Raquel Cabral. **A implicação do educador diante do TDAH: repetição do discurso médico ou construção educacional?**. 2009.
- DE OLIVEIRA, Angela Gabriela Morschberger. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): estratégias de ensino-aprendizagem**. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 13, n. 3, p. 427-438, 2022.
- KOEHLER, Isisleine Dias et al. **Gestão escolar e formação continuada: proposições para os processos de ensino-aprendizagem de estudantes com TDAH**. *Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense*, v. 7, n. 13, p. 37-50, 2020.
- LACERDA, Emmanuela Florenço de. **Percepção dos professores sobre o TDAH e as consequências no processo de alfabetização de crianças**. 2014.
- LIMA, Silvana Ferreira; LOPES, Meiriane; SOUSA, Terezinha Sirley Ribeiro. **Contribuições da neurociência e do neuropsicopedagogo no processo ensino aprendizagem**. *Revista Comunicação Universitária*, v. 1, n. 2, 2021.
- MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. **TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação**. *Revista Perspectiva*, v. 39, n. 148, p. 73-84, 2015.
- MATTOS, Paulo. **TDAH é um transtorno inventado?** Disponível em: <http://www.tdah.org.br/br/textos/textos/item/223-tdah-%C3%A9-umadoen%C3%A7ainventada?.html>. Acesso em: 27 de março de 2023.
- MOURA, Luciana Teles; SILVA, Katiane Pedrosa Miranda. **O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as práticas pedagógicas em sala de aula**. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 22, p. e216-e216, 2019.
- NASCIMENTO, Flaviane Rocha. **O processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental: uma análise bibliográfica**. 2020.
- PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. 2. Ed. São Paulo: Plexus Editora, 1998.
- PIMENTEL, Luan Narone Oliveira; DE ALBUQUERQUE, Silvia Roberta do Nascimento; DE AZEVEDO, Gilson Xavier. **Desenvolvimento da aprendizagem em crianças com TDAH**. *REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)*, v. 8, n. 1, p. 202-224, 2022.